

A TENTATIVA DE LHE OFERECER UMA PÁGINA

Ilka Souza Lima de Azevedo

Porque, enfim, tudo passa;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada;
E nossa vida escassa
Corre tão apressada
Que, quando começa, é já acabada.
(Fogem as neves frias)

É com estes versos de Camões, Leo, por você considerado o Poeta Maior da Língua Portuguesa, objeto de seu consagrado estudo por mais de três décadas, versos por nós ouvidos repetidas vezes, que inicio a sua trajetória.

... mas o escritor é **ele!**

Ele que nasceu no Recife, onde seu Pai, Leodegário Amarante de Azevedo também exercia o magistério e, cumprindo a tradição familiar, dedicou-lhe o seguinte soneto:

Ao meu filho

Como todos, amei e amado fui também.
Casei-me e deste amor nasceu minha esperança
Nossa alma repartida: uma linda creança
O meu primeiro filho, o meu querido bem!

És um fructo de amor, que todo amor contém
E se resume em ti, o qual em ti descança.
És o affecto sublime, emfim toda alliança
Do meu ao coração daquela que mantém.

O amor de esposa e mãe e que te deu a vida.
 Amo-te pois, amando a tua mãe querida
 E amando a tua mãe eu vou também te amando.

Enfim, resumes tu minha felicidade
 De mim à tua mãe, em terna afinidade
 O doce affecto, o sangue, a vida se juntando.

Leodegário Amarante de Azevedo.
 Em maio de 1927.

Alice Lós de Azevedo, a querida “Vó Lice”, foi Mãe muito cedo; aos 17 anos, já tinha Leodegário e Arnaldo — irmão sempre lembrado, falecido aos 12 anos de idade. E aos 18 ficou viúva. Diante de tão precoce viuvez, a alternativa que lhe restou foi o retorno à Casa Paterna, com seus dois filhos. O avô João Paulo foi, na verdade, o Pai que Leodegário conheceu.

Depois de cursar o antigo Curso Primário, ingressa, pelas mãos generosas do reconhecido Mestre Clóvis Monteiro, no Internato do Colégio Pedro II, na época considerado padrão para o ensino secundário brasileiro. E lá permanece por 7 anos, conquistando seu primeiro diploma: o Diploma de Bacharel em Ciências e Letras, no ano de 1947. Por ali passaram eminências do nosso Magistério e Leodegário teve a sorte de receber ensinamentos de Mestres, cujos nomes costumava citar com muito orgulho: Antenor Nascentes, Silva Ramos, Said Ali, José Oiticica, Quintino do Valle, Fernando Barata, Aldemir S. Paulo, Newton Maia, Godofredo Ferreira, Saboia Barbosa, George Sumner, Hilda Reis, Curvelo de Mendonça, entre outros, que marcaram definitivamente sua vida futura. Não é de se estranhar que, daquela turma surgissem expoentes nas diversas áreas do conhecimento. E Leodegário não fugiu à regra tendo sido contemplado com o Título de Aluno Eminente pela Congregação, entre tantos outros, por sua “Contribuição significativa para o progresso e desenvolvimento da Ciência, da Cultura e da Educação”. Ao terminar o antigo Curso Ginásial, é eleito orador da turma e, para aquele momento, prepara um discurso admirável pela pouca idade, por sua clareza de ideias, transbordamento de emoção e riqueza de vocabulário, como se vê no trechinho a seguir:

Há quatro anos, quando ingressávamos neste Estabelecimento, sentindo a emoção daqueles que penetram num ambiente estranho, fomos travando relações

entre nós mesmos, e, mais tarde, conhecendo os nossos professores, foi-se dissimulando de nosso espírito a incerteza do desconhecido, dando lugar unicamente às nossas esperanças.

Foi nesta época que foram semeadas em nossos corações, pelas mãos de nossos mestres, sementes de amor, que se abriram em brotos, cresceram, e que agora, como único tributo digno de seus esforços, fazem pender, em forma de sazonados frutos, a nossa gratidão.

Após referência a cada professor, finaliza com uma saudação aos novos alunos:

A experiência adquirida durante esses anos em que mourejamos à sombra hospitaleira desta Casa, nos autoriza a dizer que prescindis de conjecturas vãs, e abri vossos corações, para que neles penetre o a mor de vossos futuros mestres; são eles que, como semeadores predestinados, vão lançar em vossas inteligências sementes fecundas do saber, que hão de germinar e crescer sob os reflexos benéficos da luz do tropismo intelectual. E, ainda mais, alunos novos, aqui perante todos: estudai bastante, para poderdes fazer com os vossos triunfos, perdurar na voz da História, o nome imortal do Colégio Pedro II.

Seguindo o brevíssimo passeio por sua fecunda existência, de que ele soube viver cada etapa com exemplaridade, encontramos o Leodegário engajado no CPOR, servindo na Cavalaria de Guarda. É dessa época a divertida passagem, que ele costumava contar, sobre um general diante de uma temerária missão, na Guerra do Paraguai. Num momento em que suas pernas fraquejavam, o militar aplica-lhes umas palmadas e grita:

Treme, treme, carcaça velha
se soubesses onde vais,
tremerias muito mais!

Concomitantemente, ministrava aulas particulares e cursava Letras Neolatinas e, dois anos mais tarde, o Curso de Direito inclusive, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição onde fazia brilhante e precoce carreira, através de Concursos de Provas e Títulos.

Nos idos de 1961, do nosso primeiro encontro na UERJ, quando ele, já professor daquela Casa, ‘fiscalizava’ a prova de Latim no Vestibular, resulta a nossa união, que vai perdurar por 46 anos, e com ela fomos presenteados com dois queridos filhos: Cláudia e Mário Leodegário.

Como filha de professor já nasce com apostado, segundo ele, era assim que o Pai orgulhoso participava aos amigos seu nascimento: “Cláudia, a mais

linda do mundo” — aposto do qual nunca ninguém discordou... E continuando com a tradição familiar de compor um soneto ao primeiro filho, dedica-lhe um também em moldes clássicos:

Minha Filha

Chegaste, Cláudia, linda e verdadeira,
e a tua vinda, – eu sei que não me iludo –
foi para mim, – estou bem certo, – tudo
o que de belo quis a vida inteira.

Vi tua Mãe sofrer, e sobranceira
desafiar o sofrimento agudo,
quase a dizer à dor: “– Eu te saúdo!”
– porque te amava, – eu sei, – de igual maneira.

Sorriu da dor, – o corpo ainda langue, –
voltando a si, sem dar um só gemido!
E te abraçou, sorrindo, e quase exangue.

Chorei, enfim, ouvindo o teu vagido,
porque bem sei que és sangue do meu sangue,
no milagre de Deus reproduzido.

Em 1968, aceitando o honroso convite do eminente filólogo Joseph M. Piel para exercer o cargo de Gastprofessor, na Universidade de Köln, ocupando a Cadeira de Estudos Brasileiros, organiza sua primeira Exposição do Livro, no Romanisches Seminar, para a qual recebeu dezenas de exemplares de diversos escritores amigos e a colaboração de livreiros e editoras.

Cinco anos depois, laços consolidados com Portugal, sobretudo por sua permanente devoção à Língua e às Literaturas Portuguesa e Brasileira, é indicado para ministrar aulas na Universidade de Coimbra, como Professor Catedrático Visitante. Durante essa profícua estada, nasce Mário Leodegário, cidadão luso-brasileiro, a quem o Pai, em meio à organização de sua segunda bem sucedida Exposição do Livro Brasileiro, oferece-lhe a seguinte dedicatória:

Ao cidadão Mário Leodegário Souza Lima de Azevedo
gerado no Rio de Janeiro
nascido em Coimbra

no dia 25 de maio de 1972
como símbolo de união espiritual
entre Brasil e Portugal

Ao cidadão Mário Leodegário Souza Lima de Azevedo
gerado no Brasil
nascido às margens do Mondego
no lugar de um soneto
que não saberia escrever

Ao cidadão brasileiro Mário Leodegário Souza Lima de Azevedo
nascido às margens do Mondego

Ao Mário Leodegário Souza Lima de Azevedo

Ao meu filho

Voltando ao Brasil, inicia uma série de Simpósios, Congressos que vão se perpetuando ao longo de décadas, pois, ao todo, foram 33 eventos realizados ininterruptamente, e dos quais ele se orgulhava. Com pouco apoio financeiro, mas com a ajuda de amigos, que ele soube muito bem conservar ao longo da vida, a presença de professores e escritores de Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Estados Unidos emprestavam brilhantismo aos encontros, para os quais não eram esquecidos tantos e tantos professores de diversas partes do Brasil, muitos dos quais em início de carreira. Sim, a generosidade sempre foi o maior traço de sua essência!

Assim era o Leo: um contador de casos, de histórias engraçadas, que tinha como distração a sua duradoura criação de canários, ao lado da seriedade necessária com que se dedicava às pesquisas, às arguições das inúmeras dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, à preparação de aulas nas Universidades (UERJ, de onde é Emérito, UFRJ, Catedrático e UFF, Professor Visitante). Por onde passou, formou alunos, deixou discípulos.

Seu amigo desde os bancos do ginásio, Jairo Dias de Carvalho, falecido em maio de 2003, a ele se referiu em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Filologia:

...ao contrário daquele alfinete de cabeça grande do ‘Apólogo’ de Machado de Assis, que permanecia onde o espetavam, Leodegário Amarante de Azevedo Filho jamais ficou na contemplação da gloriola transitória.

Prêmios honoríficos valorizando a sua extensa obra – e são mais de 80 títulos publicados, sem considerar artigos em Jornais, Revistas especializadas do Brasil e do Exterior – homenagens reconhecidas por sua dedicação ao Magistério, Comendas Governamentais, Diplomas de Honra por sua infatigável batalha por um ensino de melhor qualidade estampam as paredes de nossa Casa, retratando seu labor desinteressado de um estudioso apaixonado, que nunca se deixou abater diante de obstáculos, demonstrando o grande guerreiro que sempre foi até o fim de sua existência, pois jamais interrompeu as suas atividades de Professor e de Escritor laureado.

E, talvez inspirados por este traço de bravura, presente em ditados como “Cavalaria tropeça mas não cai!”, ou então “Vamos sustentar o fogo que a vitória é certa!”, é que os netos, cheios de emoção e coragem, prestam sentida homenagem ao Vovô LEO, senhor de uma vida pautada pelos preceitos cristãos. Na Missa da Ressurreição, celebrada pelo querido Padre Jorge, que se inicia com o “Queremos Deus”, hino que vivia cantarolando em seus últimos dias, os netos tocam uma peça na flauta doce e leem o texto escrito a quatro pequeninas mãos, abaixo transcrito:

Vovô Leo, um homem bom que faleceu

Antigamente ele era feliz, bondoso, muito bem educado, honesto e animado. Ele sempre contava muitas histórias sobre nós. Dizia que o Pedro ia ser engenheiro e que eu era um poeta e inteligentíssimo...

Um dia, meu irmão fez uma cirurgia no nariz, quando ele acordou da anestesia, disse:

— “Já estava com saudades de mim mesmo...” Quando o vovô soube das palavras do Pedro, saiu contando para todo mundo, muito entusiasmado, e disse que ele era um filósofo!

Ele adorava boas notícias e era muito feliz com a nossa presença. Sempre fazia uma rima engraçada... falava pra mim:

“Nino, menino ladino que come pepino” e pro Pedro ele falava:

— “Pedro pedreiro carregando o trem...”. Ele entendia muito da Língua Portuguesa.

Vovô gostava muito dos seus passarinhos, sabia tudo sobre eles e alimentava os filhotes no bico, com muito carinho.

Ele adorava jogar na Mega Sena e, toda vez que a gente se encontrava, ele dava um beijo e uma graninha de 50 mangos pra cada um.

Vovô também gostava muito de ver novela. Mesmo quando ele dor-

mia, no meio da novela, a gente não mudava de canal porque sabia que ele gostava de ouvir.

Eu adorava os presentes que ele comprava pra gente. A vovó dizia que eram do camelô.

A gente nunca vai se esquecer dele nem da sua voz, a vida inteira. A gente não esperava este dia acontecer... mas, uma parte dele vai ficar sempre viva na gente: sua bondade e seu amor...

Ele sofreu muito, agora está em paz. Com sua mãe está “dormindo” agora, bem vestido e com um sorriso no rosto bem bonito, como foi a linda vida que ele teve.

Com amor,

Pedro (Pedro Pedreiro) e Nino (Menino Ladino)

Por fim, quero agradecer ao Liceu Literário Português nas pessoas do Doutor António Gomes da Costa e do Doutor Francisco Gomes da Costa por esta sincera homenagem, sempre reconhecendo o valor e a importância de Leodegário nessa ponte cultural e de verdadeira amizade, desde cedo estabelecida entre nós brasileiros e o “nosso” tão querido Portugal. Bem-hajam!

“Il a passé, ne laissant dans la vie que le souvenir du bonheur
qu’il a donné aux siens et l’exemple d’une vie
toute faite de travail et de dévouement.”

P. Lacordaire

Mas o escritor é **ele**, a LUZ que não se apaga...

Rio de Janeiro, setembro de 2011.

Nota do editor:

ILKA SOUZA LIMA DE AZEVEDO, conforme se autodenomina, é esposa e “mulher devota” do homenageado. Sua figura parece fundir-se com a de Leodegário A. de Azevedo Filho, tamanha era a identidade do casal seja nas inúmeras ocasiões solenes que marcaram a vida acadêmica do maior camonista brasileiro, seja naquelas situações mais amenas e informais que partilhavam com os amigos. A prova indubitável dessa devoção revela-se, entre outros fatos, na intimidade intelectual que unia Ilka a Leodegário: foi revisora de quase todas

as suas publicações, com a autoridade de quem normalmente abonava a última revisão. Essa dedicação ao trabalho do marido não impediu, entretanto, que Ilka Souza Lima de Azevedo trilhasse brilhante carreira no magistério como docente do Colégio Pedro II. É licenciada em Letras Neolatinas pela UERJ, e mestre em Literatura Portuguesa. Aperfeiçoou-se em cursos sob a égide da ALFAL, nos quais teve o privilégio de assistir a aulas de nomes como Mattoso Câmara Júnior, seu padrinho de casamento, José Pedro Rona, Luis Cisneros, Luis José Prieto e Aryon Rodrigues. Em face do nascimento dos dois filhos Cláudia e Mário Leodegário e das longas estadas no exterior, decorrentes da carreira magistral de Leodegário, Ilka optou por afastar-se do magistério, atividade que só retomaria quando o filho mais jovem, Mario Leodegário, ingressou no Jardim de Infância. E, como diz Ilka, “fiz e não me arrependo!”

Registrem-se, pois, os agradecimentos de *Confluência* à contribuição de Ilka Souza Lima de Azevedo para que se perpetue na memória intelectual do Brasil o nome de Leodegário A. de Azevedo Filho.